

Remix Ensemble

Casa da Música

Synergy Vocals

Peter Rundel direção musical

Digitópia eletrónica

Wu Wei sheng

14 jan 2025 · 19:30 Sala Suggia

CAMINHOS CRUZADOS



anos
casa da música



Entrevista a Wu Wei.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Sarah Nemtsov

Keter, para quinteto amplificado e eletrónica (2020; c.20min)*

Liza Lim

How Forests Think, para sheng e ensemble (2016; c.35min)*

1. Tendril & Rainfall
2. Mycelia
3. Pollen
4. The Trees

2ª PARTE

Steve Reich

Jacob's Ladder, para ensemble vocal e grupo de câmara (2023; c.20min)**

*Estreia em Portugal.

**Estreia em Portugal; Encomenda New York Philharmonic, BBC Radio 3, Casa da Música, Istanbul Music Festival e Borusan Istanbul Philharmonic Orchestra, Queen Silvia Concert Hall e O/Modernt, Radio France e Vancouver Symphony Orchestra.

Sarah Nemtsov

OLDEMBURGO (ALEMANHA), 1980

Keter

para clarinete baixo, viola, violoncelo, harpa
desafinada, piano preparado e eletrônica

Keter [כֵּתֶר] quer dizer “coroa” em hebraico. Na Bíblia hebraica, o verbo כָּתַר aparece antes do substantivo. Significa “envolver, rodear”. No hebraico pós-bíblico (moderno), também encontramos o termo na aceção de “coroar” — no sentido de coroar um rei ou uma rainha. *Keter* é também a Sefirá¹ que está no topo ou no cimo da Árvore da Vida Cabalística — a “coroa” poderia então ser traduzida como “cimo”, mas também como “diadema real”, porque domina as outras Sefirot. Está localizada logo abaixo de En Sof — o Desconhecido, o Eterno, a Essência divina. Como primeira Sefirá, é denominada de “Coroa”, porque uma coroa é usada na cabeça. Esta “Coroa” também evoca tudo o que está acima da capacidade de compreensão da mente humana. O Zohar diz de *Keter* que é “a mais oculta das coisas ocultas”. *Keter* é invisível e incolor.

Os rolos manuscritos da Torá são tradicionalmente embrulhados em tapeçarias e decorados com “coroas”. Uma ‘*Keter Torá*’ é um objeto maravilhosamente trabalhado, geralmente feito de prata e ouro, muitas vezes decorado com sinos. Algumas letras manuscritas, retiradas da Torá, ornamentam-na, encimadas por pequenos desenhos — que chamamos de

¹ O termo “Sefirá” (plural: “Sefirot”) designa um poder criador que se acredita emanar de uma energia universal. As Sefirot, em número de dez, formam uma “Árvore da Vida” cujo conhecimento deveria, idealmente, contribuir para tornar a vida humana (espiritual e material), menos caótica e mais harmoniosa.

‘*Ketarim*’ (plural), ou ‘*Tagim*’ em aramaico, ou seja, “coroas”.

Mas a “Coroa” também evoca o “Corona”, que já faz parte do nosso tempo.

Esta peça para clarinete baixo, viola, violoncelo, harpa preparada e desafinada e piano preparado foi composta para os solistas do Ensemble intercontemporain. É uma música bastante sombria, mas pontuada por algumas luzes, como pequenos pontos brilhantes. A esfera harmônica desenvolve-se a partir de 70 acordes (microtonais).

O piano tem uma função importante: dá-nos a sensação de que se arrasta, ou que se carrega a si próprio graças a esses acordes, através de um espaço vasto e escuro. Mas cada instrumento tem o seu papel, na relação — ou na diferenciação (isolamento) — com os demais. De vez em quando, são adicionados efeitos aos instrumentos (amplificados), transformando cores, dimensões ou perspectivas — a harpa e o piano agindo sobre os efeitos um do outro, testemunhando essas interligações que também seriam expressas a partir de um ponto de vista tecnológico.

Keter foi composta durante a pandemia do coronavírus, em 2020, e é dedicada a todos aqueles que lutam.

SARAH NEMTSOV²

Tradução: Carla Basto

² © Base de dados do Ircam: ressources.ircam.fr

Liza Lim

PERTH (AUSTRÁLIA), 1966

How Forests Think

para sheng, flauta/flauta baixo, oboé/corne inglês, clarinete/clarinete baixo, saxofone alto, trompete, trombone, percussão, violoncelo e contrabaixo

How Forests Think é uma reflexão sobre o trabalho do antropólogo Eduardo Kohn, que escreve sobre ecologias florestais como o “pensamento vivo” de seres humanos e não-humanos. Cada um destes seres pode ter a sua subjetividade, criando o mundo com os seus próprios registos de conhecimento, sensação e significado. Organizam-se em comunidades: nas florestas antigas, um cepo pode ser mantido vivo durante séculos pelas árvores circundantes, através de redes subterrâneas de fungos que alimentam as velhas ligações e mantêm uma canção em andamento — podemos pensar numa floresta como um coro ou certamente como um ensemble. Histórias, sonhos e pensamentos habitam múltiplas formas numa matriz viva; podem-nos que olhemos para lá da nossa limitada visão humana e do nosso limitado tempo humano.

How Forests Think é música feita a partir de conjuntos de instrumentos cujas qualidades são como gavinhas à procura de sítios onde se possam agarrar e emaranhar. As suas formas são emergentes, como plantas que crescem em direção à luz e à água; como cordões miceliais que se entrelaçam com raízes de árvores numa internet co-evolutiva de vida vegetal. A música resulta de conversas entrecruzadas, modeladas como raízes, vinhas, redes de fungos; ou como polinizações cruzadas transportadas pelo ar, por insetos e por animais (a respiração, o zumbido, o arranhar, as canções de amor),

onde uma coisa procura o melhor enquadramento com outra.

O sheng é um instrumento chinês com uma linhagem de 4000 anos, e Wu Wei tem sido fundamental para a música contemporânea no desenvolvimento do sheng de 37 tubos. O conjunto de tubos de bambu é ativado pela respiração do músico que faz vibrar as palhetas internas, causando impressões tradicionalmente associadas à fénix mítica que se ergue das cinzas da sua própria pira funerária. Existe algo de intensamente orgânico no modo como as interações entre a respiração, a palheta e o tubo de bambu criam um florescimento de som que pode não ser completamente previsível — como se ouvíssemos indícios do vento na floresta. Nem o vento, nem qualquer clima, nem as coisas em crescimento podem ser completamente controladas, contidas ou combatidas — há uma tempestade de forças que mora na floresta. Essa tempestade é também uma canção em nós.

LIZA LIM

Tradução: Isabel Correia de Castro

Steve Reich

NOVA IORQUE, 1936

Jacob's Ladder

para ensemble vocal e grupo de câmara

Jacob's Ladder (*A Escada de Jacob*) baseia-se num versículo do Génesis (28: 12): “Teve um sonho: viu uma escada apoiada na terra, cuja extremidade tocava o céu; e, ao longo desta escada, subiam e desciam mensageiros de Deus”. Steve Reich escolheu este texto por considerar muito provocadora a imagem da escada, associando-a a pinturas célebres como as de William Blake, em que a ambiguidade da palavra original a leva a ser interpretada como uma longa escadaria em espiral; do flamengo Pieter Bruegel, que pinta uma Torre de Babel em construção com escadas a toda a volta e pessoas a subir ou paradas, marcando um cenário que de outro modo seria caótico e desordenado; ou da fase tardia de Phillip Guston, com quadros em que aparecem escadas misteriosas.

Assim, Reich vê a escada como uma imagem quotidiana que irradia simbolismo até ao infinito. “Quando comecei a compor a peça, pareceu-me que o equivalente musical mais óbvio de uma escada seria uma escala. (Curiosamente, em hebraico, a palavra ‘sulahm’ significa tanto ‘escada’ quanto ‘escala.’) O que se seguiu foi um grande desperdício de tempo tentando reescrever os exercícios de Hanon e de outros métodos de ensino musical baseados em escalas.” Pensou depois na escada de 3,5 metros que usa, em casa, para chegar às prateleiras mais altas das estantes de livros na sala de estar com pé direito alto: “Subimos quase até ao fim, tiramos o livro que queremos e descemos. Mas, de repente, reparo em algo que não via há algum tempo... é como se estivéssemos

a explorar uma livraria!”. Concluiu então que qualquer movimento melódico — ascendente, descendente ou estático — poderia ter como analogia uma escada. “Por vezes, sobe-se uns poucos degraus para chegar a algo e depois desce-se; ou talvez se trepe mais alto, parando e descendo, pausadamente, degrau a degrau. Essa ideia libertou-me da armadilha de pensar apenas em escalas e colocou-me num estado de espírito que me permitiu compor de forma completamente intuitiva — ainda assim, mantendo a ideia da ligação entre o céu e a terra.” Deixando para trás as associações mais imediatas, escreveu livremente pensando apenas na forma de enquadrar as palavras. “Não é preciso tentar ilustrar nada, porque qualquer coisa o poderá ilustrar. (...) Não há uma mensagem específica. Há uma atitude lúdica em relação à imagem no seu todo.”

Antes de escrever *Jacob's Ladder*, Steve Reich compôs uma peça chamada *Traveler's Prayer* (*Oração do Viajante*), com material melódico oriundo de cânticos tradicionais de sinagogas italianas. Nesses cânticos, “não existe uma pulsação regular. Podia ter-lhe imposto uma pulsação, mas pareceu-me que funcionava bem assim. Foi a primeira vez que compus algo em que, embora seja possível marcar o compasso de dois tempos, não dá para bater o pé”.

Tal como *Traveler's Prayer*, a nova obra é baseada num texto bíblico, o que levou Reich a imaginar a mesma abordagem. “Decidi tentar. Mas as melodias em *Jacob's Ladder* foram compostas por mim e, sendo percussionista de longa data, a peça tem uma pulsação, marcada pelo vibrafone e pelo quarteto dobrado de cordas. Mas esse quarteto duplo e o facto de as baquetas do vibrafone não serem muito duras dão-nos uma marcação muito mais suave. Está lá, ouve-se claramente, mas não é como ter um piano ou uma marimba.”

O compositor relaciona estas duas obras, ambas baseadas em textos bíblicos, enquadrando-as num estado de espírito semelhante e em preocupações musicais similares. “Parte disso deve-se ao facto de eu ter 86 anos e sentir que é apropriado trabalhar este tipo de textos neste período da minha vida (...) Tenho uma inclinação religiosa, há muito tempo, que se tem tornado mais forte nesta fase. Por isso, pareceu-me adequado.”

O compositor explica a estrutura da peça: “Tem quatro secções curtas — uma espécie de exposição — correspondendo a cada uma das quatro linhas do texto, seguidas de quatro secções mais longas que aprofundam e desenvolvem as primeiras. O que me parece particularmente interessante é que essas secções mais extensas são essencialmente música instrumental, que interpreta o movimento dos mensageiros/anjos subindo, descendo ou pausando numa ou em várias escadas entre o céu e a terra — uma representação musical sem palavras. Provavelmente, ao pensar nas ‘notas como mensageiras’, a peça acabou por se resumir a música puramente instrumental durante pouco mais de metade da sua duração. Contudo, as vozes regressam em força na secção final. O fluxo constante de semicolcheias desacelera para colcheias e, finalmente, para semínimas [figuras de duração progressivamente mais longa], enquanto vozes e instrumentos se expandem até um ponto imóvel e sustentado no final”.⁴

⁴ Texto baseado nas notas de programa do compositor e numa entrevista, ambas publicadas pela editora Boosey & Hawkes (2023). Tradução e edição de Fernando Pires de Lima.

Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR, Frankfurt e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, Radio France e Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma, a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Bruxelas. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, na Ópera da Flandres, no Teatro Argentino La Plata, na Ruhrtriennale e no Festival de Bregenz, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Calixto Bieito, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Mais recentemente, apresentou-se com sucesso na Ópera de Zurique — *Girl with a Pearl Earring* de Stefan Wirth (nomeada estreia do ano

pela revista *Opernwelt*) — e no Teatro Estatal de Hesse/Wiesbaden — *Werther* de Massenet.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi diretor artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro diretor artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música, com o qual conquistou grande sucesso em importantes festivais europeus — nesta temporada, dirige-o na Elbphilharmonie de Hamburgo e na Philharmonie de Colónia, com Matthias Goerne, estreando um novo arranjo de Jörg Widmann para *Dichterliebe* de Schumann.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Como diretor musical do Taschenopernfestival (desde 2019), criou uma outra academia em Salzburgo, com vista à promoção de jovens maestros no campo do teatro musical contemporâneo. É regularmente convidado para ensinar em cursos internacionais de ensembles como a London Sinfonietta, o Ulysses Ensemble na Academia ManiFeste em Paris, a Academia do Festival de Lucerna e no Teatro alla Scala de Milão.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Synergy Vocals

Tara Bungard soprano

Micaela Haslam soprano

Benedict Hymas tenor

Will Wright tenor

Especializado em canto com vozes amplificadas, o Synergy Vocals tem-se apresentado por todo o mundo com orquestras e ensembles, tais como as sinfónicas de Boston, Chicago, St. Louis, New World, São Francisco e Vancouver, as filarmónicas de Nova Iorque, Los Angeles e Brooklyn, Remix Ensemble, Nexus, Steve Reich & Musicians, Orquestra Sinfónica de Xangai, Orquestra Sinfónica de Sydney, AskolSchönberg, Ensemble intercontemporain, Ictus, Colin Currie Group, Sinfonietta de Londres, Orquestra Sinfónica de Londres e todas as cinco orquestras da BBC no Reino Unido. Colaborou igualmente com companhias de dança, incluindo o Royal Ballet (Londres) e o Rosas (Bélgica).

O grupo é responsável por estreias de obras como *Three Tales*, *Daniel Variations* e *Jacob's Ladder* de Steve Reich, *Dreamhouse* de Steven Mackey, *La Commedia* de Louis Andriessen, *writing on water* de David Lang, *Kaléidoscope* de Guillaume Connesson e *Since it was the day of Preparation...* de James MacMillan. Fez ainda a primeira audição no Reino Unido de *Prometeo*, de Luigi Nono, no South Bank de Londres. Trabalhou na ópera *Sukanya* de Ravi Shankar (Royal Festival Hall de Londres) e no projeto *Harmony of the Worlds* de Satya Hinduja (com a Royal Philharmonic Orchestra).

O Synergy Vocals participou em várias bandas sonoras de cinema e televisão. Na sua discografia encontram-se as obras *Dreamhouse* de Steven Mackey (vencedora de um Grammy),

Since it was the day of Preparation... de James MacMillan, *De Staat* de Louis Andriessen, *Three Tales* de Steve Reich, *La Commedia* de Louis Andriessen e *Grand Pianola Music* de John Adams (dirigida pelo compositor). Entre os lançamentos mais recentes, destacam-se a *Sinfonia* de Berio com a BBCSO, *Proverb* de Steve Reich com o Colin Currie Group e *The Desert Music* com a Orquestra Sinfónica de Sydney (comisturada/editada por Micaela Haslam).

A diretora do Synergy Vocals, Micaela Haslam, é conhecida pelo seu trabalho na célebre *Music for 18 Musicians*, tendo dirigido ensembles profissionais e de estudantes na preparação desta peça icónica de Reich.

Digitópia eletrónica

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música eletrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. O seu âmbito é bastante alargado, incluindo o desenvolvimento de *software* e *hardware*, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo, e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Wu Wei sheng

A mestria do internacionalmente conhecido virtuoso do sheng Wu Wei vai muito além dos limites tradicionais deste instrumento chinês, com mais de três mil anos, e transporta-o para o século XXI.

O *sheng* é um órgão de boca formado por um conjunto de canas de bambu encaixado numa peça de metal. Na China considera-se que deve soar como o cântico da fénix de uma lenda chinesa: prateado e fugaz como o vento.

O tom radiante e transparente de Wu Wei, assim como as infinitas possibilidades oferecidas pelo seu instrumento em termos de melodia, harmonia, ritmo e polifonia, levaram-no a colaborar com muitos artistas, compositores (Huang Ruo, Guus Janssen, Unsuk Chin, Jukka Tiensuu, Bernd Richard Deutsch, Ondrej Adamek, Donghoon Shin, Enjott Schneider, Man Fang e Rolf Wallin, entre outros) e formações em contextos tradicionais, de câmara ou orquestrais, improvisando em concertos a solo ou com big bands de jazz, tocando música eletrónica, e participando em programas de música minimalista ou barroca. Tem sido convidado para interpretar repertório sinfónico por orquestras como a Filarmónica de Berlim, a Filarmónica de Nova Iorque e a Orquestra Contemporânea do Festival de Lucerna. Holland Baroque, Ensemble intercontemporain, Atlas Ensemble e NDR Big Band são alguns dos ensembles com quem já partilhou o palco. É presença regular em vários festivais internacionais: BBC Proms em Londres, Festival d'Automne em Paris, Donaueschinger Musiktage, Festival de Lucerna, Festival de Verão do Suntory Hall em Tóquio e Festival Internacional de Música de Tongyeong.

Com Martin Stegner (viola) e Janne Saksala (contrabaixo), ambos membros da Orquestra

Filarmónica de Berlim, fundou o Wu Wei Trio, que se apresenta todas as temporadas na Sala de Música de Câmara da Philharmonie de Berlim. Enquanto fundador do Ensemble Asianart, radicado em Berlim, gosta de partilhar programas transculturais com instrumentistas de todo o mundo. Para o Festival de Morgenland, formou o Trio Silk Blues com o trompetista de jazz Ingolf Burkhardt e o pianista Florian Weber. Interessa-se particularmente por projetos interdisciplinares que envolvam literatura, dança, teatro ou arquitetura.

Na temporada de 2025/26, Wu Wei fará uma residência no Centro Nacional de Artes Performativas (NCPA, na sigla inglesa) em Pequim, com a Orquestra NCPA, e em 2027 estreia o novo concerto de Philippe Leroux para sheng, ensemble e eletrónica, no Festival Manifeste de Paris, com o Ensemble intercontemporain e o IRCAM.

Wu Wei nasceu em 1970, em Gaoyou (China). Estudou no Conservatório de Música de Xangai e, com o apoio da Fundação Naumann, foi bolseiro da DAAD em Berlim, a partir de 1995, durante quatro anos. Desde 2013, é professor de sheng no conservatório chinês onde estudou.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomárico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann, Olari Elts e Tito Ceccherini, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Acht Brücken (Colónia), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktag. Foi o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe, António Pinho Vargas, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös; e ainda as óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen*

de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e a nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Liza Lim e Federico Gardella, além de compositores portugueses de várias gerações.

No ano em que comemora o seu 25.º aniversário, o Remix Ensemble continua a apresentar primeiras audições nacionais, incluindo obras de Liza Lim, Sarah Nemtsov, Olga Neuwirth, Jo Kondo, Isabel Mundry e Jorge E. López. Estreia ainda novas obras encomendadas pela Casa da Música a Steve Reich — partilhando o palco com o Synergy Vocals — e Johannes Maria Staud — esta ao lado do tenor Christoph Prégardien e tendo como ponto de partida o ciclo *Die Schöne Müllerin* de Schubert. Termina a temporada com o regresso à última composição de Frank Zappa, *Yellow Shark*.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan
Emanuel Salvador
Beatriz Costa

Viola

Trevor McTait
Laura Kumwenda

Violoncelo

Oliver Parr
Bernardo Ferreira

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Clara Saleiro

Oboé

Filipa Vinhas
Dorothea Delbrück

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Saxofone

Romeu Costa

Trompete

Telmo Barbosa

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Eletrónica

Filipe Fernandes (Digitópia)

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

Amaro Machado
José Torres

Som

António Cardoso
Carlos Lopes

Próximos concertos

18.01 SÁB 15:00 SALA 2

Como Anoitecer um Pirlampo, Segundo o Dr. Qwrtzfgtlvskh

serviço educativo | nossos concertos

Mário João Alves conceção artística, guião e encenação

Ópera Isto! coprodução e interpretação

18.01 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

World as Lover

caminhos cruzados | portrait Liza Lim

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Tamara Stefanovitch piano

Sérgio Pacheco trompete

Obras de **Léo Delibes, Camille Saint-Saëns, Liza Lim, Arturo Márquez,**

B. A. Zimmermann e George Gershwin

19.01 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

Estação Casa da Música

serviço educativo | primeiras oficinas

Bruno Estima e Paulo Neto formadores

19.01 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Bohemian Rhapsody

caminhos cruzados

Coro Casa da Música

Léo Warynski direção musical

Obras de **Robert Schumann, Franz Schubert, Philippe Hersant, Jacques Chailley,**

Einojuhani Rautavaara, Zoltán Kodály, Johannes Brahms e Queen/Philipp Lawson

20.01 SEG 17:30

O Piano: Uma História Milenar

serviço educativo | formação | 16.º curso livre de história da música

Nuno Caçote

21.01 TER 19:30 SALA 2

Prémio Jovens Músicos / Antena 2

vencedores da edição de 2024 — nível superior

Laura Peres violino

Pedro Moreira oboé

22.01 QUA 21:30 SALA SUGGIA

Wanderer Songs

Nástio Mosquito (Angola/Portugal/Bélgica)

Selma Uamusse (Moçambique/Portugal)

Tiago Correia-Paulo (Moçambique/África do Sul)

PS Lucas (Portugal/Dinamarca)

Lavoisier (Portugal)

promotor: Invicta Sound & Vision

25.01 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

Dies Irae

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Anna Rakitina direção musical

Yoav Levanon piano

Obras de **Richard Wagner**, **Sofia Gubaidulina** e **Sergei Rachmaninoff**

26.01 DOM 10:00 E 11:30 16:00 SALA 2

Pequenos Piratas

serviço educativo | primeiros concertos

Coletivo Gira Sol Azul conceção artística e interpretação

26.01 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Mundos Imaginários: Uma Viagem Musical

concerto escolar

Conservatório de Música da Jobra

Obras de **Claude Debussy**, **Gabriel Fauré**, **Modest Mussorgski**, **Maurice Ravel**,

Tradicional, **Stephen Schwartz** e **Carl Orff**

promotor: Jobra Educação

27.01 SEG 17:30

O Piano: Uma História Milenar

serviço educativo | formação | 16.º curso livre de história da música

Nuno Caçote

28.01 TER 21:00 SALA SUGGIA

Yoav Levanon

ciclo piano

Obras de **Bach-Siloti**, **Bach-Busoni**, **Fryderyk Chopin** e **Franz Liszt**

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

